



ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS

**Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais
transgêneros, para formadores de opinião**

Jaqueline Gomes de Jesus

Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião¹

Pare de, sem perceber, misturar pronomes e usar termos preconceituosos e ajude milhares de pessoas a viverem uma vida sem violência!

Brasília
Abril, 2012

¹ Distribuição gratuita. Reprodução autorizada desde que citada a fonte.

ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS

Publicação *online*, sem tiragem impressa.

Ilustração da capa: detalhe de mosaico.

Idealização e Desenvolvimento
Jaqueline Gomes de Jesus

Revisão de conteúdo
Berenice Bento
Luiz Mott
Paula Sandrine

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J58 Jesus, Jaqueline Gomes de.

Orientações sobre a população transgênero : conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília: Autor, 2012.
24p. : il. (algumas color.)

Protocolo EDA / DF 2012 nº 366

1. Psicologia – Cultura. 2. Identidade. 3. Gênero. 3. Direitos humanos. 4. Diversidade. I. Jesus, Jaqueline Gomes de. II. Título

CDU 159.9:39

Este *e-book* está disponível nos seguintes endereços:

http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta_es_popula_o_trans

<http://pt.scribd.com/doc/87846526/Orientacoes-sobre-Identidade-de-Genero-Conceitos-e-Termos>

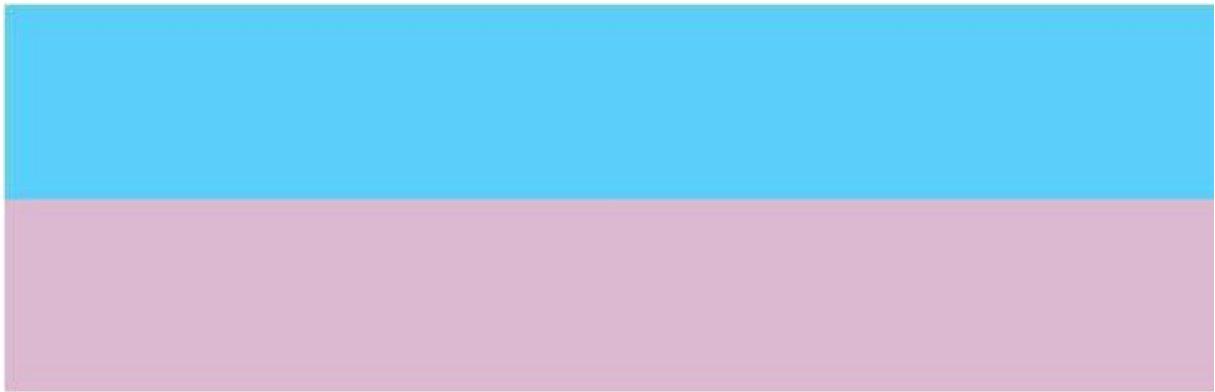
E-mail: jaquelinejesus@unb.br

Brasília, DF.

Publicação sem fins lucrativos. Qualquer parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada de forma gratuita, por meio eletrônico, fotocópia e outros, desde que citada a fonte.

Sumário

	<i>Página</i>
Bem-vindo(a)! Qual é o seu gênero?	05
Transgeneralidades.....	07
<i>Pessoas transexuais</i>	07
<i>As travestis</i>	09
<i>Crossdressers</i>	10
<i>Drag queen/king, transformista</i>	10
<i>A coragem de ser quem se é</i>	10
Símbolos.....	11
Datas estratégicas.....	12
Termos inclusivos.....	13
<i>Glossário de termos inclusivos</i>	13
Mensagem final	18
Outras referências.....	19
<i>Links</i>	19
<i>Filmes</i>	19
<i>Leituras</i>	20
A autora	22
<i>Os revisores</i>	22



Bandeira do Orgulho Transgênero

Sobre a bandeira, sua autora, Mônica Helms, comenta:

Azul para meninos, rosa para meninas, branco para quem está em transição e para quem não se sente pertencente a qualquer gênero. Simboliza que não importa a direção do seu vôo, ele sempre estará correto!

BEM-VINDO(A)! QUAL É O SEU GÊNERO?

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol.
Friedrich Nietzsche. Aurora, p. 27 (São Paulo: Escala, 2008).

Cada um(a) de nós é uma pessoa única, que porém tem características comuns a toda a humanidade. Elas nos identificam com alguns e nos tornam diferentes de outros, como a região em que nascemos e crescemos, nossa raça, classe social, se temos ou não uma religião, idade, nossas habilidades físicas, entre outras que marcam a diversidade humana. Dentre essas dimensões, este guia se foca na do gênero.

Relembre da sua formação pessoal: desde criança você foi ensinado(a) a agir e a ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico. Se havia ultrassonografia, esse sexo foi determinado antes de você nascer. Se não, foi no seu parto.

Crescemos sendo ensinados que “homens são assim e mulheres são assado”, porque “é da sua natureza”, e costumamos realmente observar isso na sociedade.

Entretanto, o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero “adequado”.

Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são naturais, totalmente biológicas, quando, na verdade, parte delas é influenciada pelo convívio social.

Além disso, a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, essa construção do sexo não é um fato biológico, é social.

ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS

Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

Mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Há culturas para as quais não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. Logo, o conceito básico para entendermos homens e mulheres é o de gênero.

Sexo é biológico, gênero é social. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

Se adotamos ou não determinados modelos e papéis de gênero, isso pode depender de nossos órgãos genitais, dos cromossomos ou de alguns níveis hormonais.

Todos e todas nós vivenciamos, em diferentes situações e momentos da vida, inversões temporárias de papéis determinados para o gênero de cada um: somos mais ou menos masculinos, nós nos fantasiemos, interpretamos, *etc.*

Pesquise exemplos, na História, de que tais limites não são fixos e pré-determinados, representados por pessoas como Maria Quitéria, heroína da Guerra da Independência, que se vestiu de homem para poder lutar contra o domínio português.

Para algumas pessoas, a vivência de um gênero discordante do sexo é uma questão de identidade, é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como parte do grupo chamado de “transgênero”.

TRANSGENERALIDADES

O que é ser uma pessoa transgênero? Vamos por partes. No Brasil, ainda não há consenso sobre o termo, vale ressaltar. Apresentarei um ponto de vista partilhado com algumas outras pessoas, especialistas e militantes.

Reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição. A vivência do gênero como:

1. Identidade (o que caracteriza transexuais e travestis); OU como
2. Funcionalidade (representado por *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas).

Há ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero. Aqui no Brasil ainda não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo **queer**, outros a antiga denominação **andrógino** ou, ainda, reutilizam a palavra **transgênero**.

Tem sido utilizado o termo “transfobia” para se referir a preconceitos e discriminações sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral. Muito ainda tem de ser enfrentado para se chegar a um mínimo de dignidade e respeito à identidade das pessoas transexuais e travestis, para além dos estereótipos.

Um deles leva alguns a esquecer que a pessoa transgênero vivencia outros aspectos de sua humanidade além dos relacionados à sua identidade de gênero: que não a de ser uma pessoa transexual, como foi discutido no começo do guia: ela tem raça, classe, origem geográfica, religião, idade, uma rica história de vida, para além da transexualidade.

Entre as pessoas de um mesmo grupo há grande diversidade: as pessoas brancas não são todas iguais, como não são as pessoas negras, mulheres, homens, indígenas, transexuais e tantas outras.

Pessoas Transexuais

A transexualidade é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa.

Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho. Ela é identificada ao longo de toda a História e no mundo inteiro.

A novidade é que os avanços médicos permitiram que mulheres e homens transexuais pudessem adquirir uma fisiologia quase idêntica à de mulheres e homens genéticos/biológicos.

Há várias definições clínicas que descrevem a condição. Seria exaustivo citá-las. Se puder simplificar bastante, diria que as pessoas transexuais lidam de formas diferentes, e em diferentes graus, com o gênero ao qual se identificam.

Uma parte das pessoas transexuais reconhece essa condição desde pequenas, outras tardiamente, pelas mais diferentes razões, em especial as sociais, como a repressão.

A verdade é que ninguém hoje sabe por que alguém é transexual, apesar das várias teorias. Umas dizem que a causa é biológica, outras que é social, outras que mistura questões biológicas e sociais.

O que importa é que a transexualidade não é uma benção nem uma maldição, é apenas uma condição, como tantas outras. A resposta mais simples e completa que define as pessoas transexuais é a de que:

Mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher.

Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem.

Ao contrário do que alguns pensam, o que determina a condição transexual é como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico. Assim, muitas pessoas que hoje se consideram travestis seriam, em teoria, transexuais.

Cada pessoa transexual é tratada de acordo com o seu gênero: mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres. Homens transexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens.

Uma pessoa transexual pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, dependendo do gênero que adota e do gênero com relação ao qual se atrai afetivo-sexualmente, portanto, mulheres transexuais que se atraem por homens são heterossexuais, tal como seus parceiros, homens transexuais que se atraem por mulheres também; já mulheres transexuais que se atraem por outras mulheres são homossexuais, e *vice versa*.

Ou seja, nem toda pessoa transexual é gay ou lésbica, a maioria não é, apesar de geralmente serem identificados como membros do mesmo grupo político, o de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT.

Homossexuais se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo, o que não se relaciona com sua identidade de gênero. Não se questionam quanto a sua identidade como homens ou mulheres e ao gênero que lhes foi atribuído quando nasceram, ao contrário das pessoas transexuais.

Transexuais sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo ao seu estado psíquico. Isso pode se dar de várias formas, desde tratamentos hormonais até procedimentos cirúrgicos.

Para a pessoa transexual, é imprescindível viver integralmente como ela é por dentro, seja na aceitação social e profissional do nome pelo qual ela se identifica ou no uso do banheiro correspondente à sua identidade, entre outros aspectos. Isso ajuda na consolidação da sua identidade e para avaliar se ela pode fazer a cirurgia de transgenitalização (adequação do órgão genital). Algumas pessoas transexuais decidem não fazer a cirurgia.

As Travestis

Entende-se, nesta perspectiva, que são travestis as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero.

É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, **preferem ser tratadas no feminino**, considerando **insultoso** serem adjetivadas no masculino:

AS travestis, sim. Os travestis, não.

A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo forçadas a trabalharem como profissionais do sexo. Entretanto, **nem toda travesti é profissional do sexo**.

A denominação travesti é estigmatizada. Tem-se discutido a sua utilidade no mundo contemporâneo, quando se entende que as pessoas transgênero não se “travestem” no sentido original da terminologia, e que há os termos transexual e *crossdresser* para se referir a dimensões melhor definidas da vivência transgênero.

Crossdressers

Surgiu um termo novo, variante de travesti, para se referir a homens heterossexuais, geralmente casados, que não buscam reconhecimento e tratamento de gênero (não são transexuais), mas, apesar de vivenciarem diferentes papéis de gênero, tendo prazer ao se vestirem como mulheres, sentem-se como pertencentes ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, e não se consideram travestis: *crossdressers*.

A vivência do *crossdresser* geralmente é doméstica, com ou sem o apoio de suas companheiras, têm satisfação emocional ou sexual momentânea em se vestirem como mulheres, diferentemente das travestis, que vivem integralmente de forma feminina.

Drag Queen/King, Transformista

Artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em suas apresentações são conhecidos como *drag queens* (sendo mulheres fantasiadas como homens, são *drag kings*).

O termo mais antigo, usado no Brasil para tratá-los, é o de artistas transformistas. *Drag queens/king* são transformistas vivenciam a inversão do gênero como espetáculo, não como identidade.

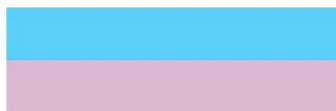
Aproximam-se dos *crossdressers* pela funcionalidade do que fazem, enão das travestis e transexuais pela identidade.

A Coragem de ser quem se é

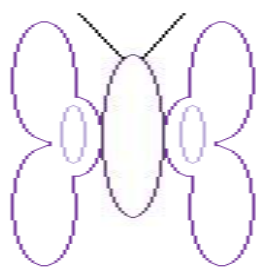
Pessoas que se identificam com alguma das expressões da transgeneralidade enfrentam um primeiro desafio: reconhecer a si mesmas e fazer decisões pessoais sobre se e quando irão se apresentar aos outros da forma como se identificam. Cada um(a) tem o seu tempo.

É preciso compreender que essa atitude não é simples de se tomar, nem fácil de pôr em prática, porém é necessária, para que elas possam ser quem são por inteiro, entre seus amigos, na família, no trabalho, na rua.

SÍMBOLOS



Bandeira do Orgulho Transgênero – identificada no começo deste guia.



Borboleta – simboliza a metamorfose, de “lagarta” para quem a pessoa realmente é.



Escudo composto – autora: Holly Boswell. Combina símbolos referentes a organismos masculinos e femininos para identificar travestis, transexuais e outras pessoas transgênero.



Referente a mulheres virgens, tem sido utilizado por mulheres transexuais.



Referente a pessoas intersexuais (ver glossário de termos inclusivos).



Variante dos escudos – Ying Yang azul e rosa.



Sereias – representam, de forma genérica, a multiplicidade de expressões do corpo feminino.

Reprodução de xilogravura de Ivan Borges.

DATAS ESTRATÉGICAS

29 de janeiro	<i>Dia da Visibilidade Trans</i>
8 de março	<i>Dia Internacional da Mulher</i> (ênfase nas mulheres transexuais).
24 de junho	<i>Dia de Ação Trans por Justiça Social e Econômica</i>
28 de junho	<i>Dia do Orgulho LGBT</i>
23 de outubro	<i>Dia Mundial de Luta Contra a Patologização da Transexualidade</i>
19 de novembro	<i>Dia Internacional do Homem</i> (ênfase nos homens transexuais).
20 de novembro	<i>Dia da Memória Transgênero</i>

TERMOS INCLUSIVOS

Escrever ou falar conforme um vocabulário reconhecido pelas pessoas representadas é essencial para valorizar a cidadania. Com relação a travestis e transexuais, é comum o uso de expressões que levam a concepções errôneas sobre a vivência e os desafios dessas pessoas.

Reforçando: com relação a pronomes, as pessoas transgênero devem ser tratadas de acordo com o gênero com o qual se identificam. Se você não está certo(a) quanto ao gênero da pessoa, pode perguntar, respeitosamente, como ela prefere ser tratada, e tratá-la dessa forma.

Abaixo segue um glossário de termos considerados inclusivos, por representarem adequadamente o cotidiano de homens e mulheres transexuais, de travestis e outras pessoas transgênero, buscando-se representar minimamente, e com didática, a sua diversidade identitária, incluindo conceitos relacionados a gênero e orientação sexual.

Glossário de termos inclusivos

Sexo

Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais.

Gênero

Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo.

Expressão de gênero

Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.

Identidade de gênero

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

Papel de gênero

Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico.

Cisgênero

Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Transgênero

Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Intersexual

Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas.

O grupo composto por pessoas intersexuais tem-se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

Orientação sexual

Atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

Assexual

Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero.

Bissexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

Heterossexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

Homossexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica.

Crossdresser

Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

Transexual

Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como **mulher** transexual ou como **homem** transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica.

Homem transexual

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns também se denominam *transhomens* ou *Female-to-Male* (FtM).

Mulher transexual

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam *transmulheres* ou *Male-to-Female* (MtF).

Travesti

Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento.

Transformista ou *Drag Queen/Drag King*

Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

***Queer* ou Andrógino ou Transgênero**

Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

Transfobia

Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis.

Processo transexualizador

Processo pelo qual a pessoa transgênero passa, de forma geral, para que seu corpo adquira características físicas do gênero com o qual se identifica. Pode ou não incluir tratamento hormonal, procedimentos cirúrgicos variados (como mastectomia, para homens transexuais) e cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização.

Cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização

Procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital da pessoa para criar uma neovagina ou um neofalo. Preferível ao termo antiquado “mudança de sexo”. É importante, para quem se relaciona ou trata com pessoas transexuais, não enfatizar exageradamente o papel dessa cirurgia em sua vida ou no seu processo transexualizador, do qual ela é apenas uma etapa, que pode não ocorrer.

LGBT

Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/*queer*. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas *queer* e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuados).

Nome social

Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

Orgulho

Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.

MENSAGEM FINAL

Toda mudança em favor da justiça e da igualdade começa quando entendemos melhor quem são as outras pessoas, e o que elas vivem, superando mitos e medos.

Sem respeito à identidade de cada um(a), não garantimos a cidadania das pessoas e, silenciosamente, calamos sonhos, esperanças, aumentamos os desafios que as pessoas têm de enfrentar na vida.

Cada ser humano tem múltiplas formas de vivenciar sua identidade, e isso não muda para as pessoas transgênero: não são todas iguais. A identidade de gênero não esgota a subjetividade de uma pessoa, nem sua subjetividade se restringe ao fato de ser transexual.

Tenho a expectativa de que este guia técnico auxilie em uma melhor compreensão das diferentes dimensões da identidade de gênero e promova a produção de novos materiais, fundamentados em conceitos científicos atualizados e em diálogo com a realidade das pessoas.

Referindo-me às palavras da bióloga Joan Roughgarden, torço para que nossa sociedade amadureça e, um dia, o fato de uma pessoa se assumir transexual ou travesti não mais seja razão de luto para ela, os familiares e amigos, mas de enorme alegria, quem sabe com direito a uma festa, visto a pessoa estar se encontrando, em uma espécie de segundo nascimento.

Conheça, Respeite, Valorize!

OUTRAS REFERÊNCIAS

Para maiores informações sobre o tema, consulte as referências abaixo.

Links

<http://anavtrans.blogspot.com> (grupo de apoio em Brasília)

<http://astrario.blogspot.com> (grupo de apoio no Rio de Janeiro)

<http://ftmbrasil.org.br> (sobre homens transexuais)

<http://www.tsroadmap.com> (em inglês)

Filmes

Café da Manhã em Plutão. Comédia. 2005.

Hedwig: Rock, Amor e Traição. Musical / Comédia / Drama. 2001.

Meninos não Choram. Drama. 2009.

Minha Vida em Cor-de-Rosa. Drama. 1997.

Quanto Dura o Amor?. Drama. 2009.

Soldier's Girl. Drama. 2003.

Transamérica. Aventura / Comédia / Drama. 2005.

Encontrando Bianca. Educativo. 2010. Disponível em

http://www.youtube.com/watch?v=A_0q9BEPVEA.

A Erotização de Mulheres Transexuais por Homens Heterossexuais.

Educativo (em inglês, opção de legenda em português). 2011.

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=4pspzd1eDoY>.

Entre Lugares: a invisibilidade do homem trans (Curta Pernambuco 01.12). Reportagem. 2011. Disponível em

<http://www.youtube.com/watch?v=kJrTqw2HOwg>.

Reportagem Especial sobre Transexualidade. Reportagem. 2011.

Disponível em

<http://www.youtube.com/watch?v=IJPsgMURhts&feature=fvst>.

Beautiful Darling: the life and times of Candy Darling, Andy Warhol superstar. Documentário (em inglês). 2010. Maiores informações em <http://www.beautifuldarling.com>.

O Céu sobre os Ombros. Documentário. 2011. Maiores informações em <http://site.oceusobreosombros.com/everlyn>.

Leituras

Almeida, Guilherme S. (2010). **Reflexões iniciais sobre o processo transexualizador no SUS a partir de uma experiência de atendimento.** In Arilha, Margareth; Lapa, Thaís de S. & Pisaneschi, Tatiane C. (orgs.), *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde*, 117-148. São Paulo: Oficina Editorial.

Bento, Berenice. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.* Rio de Janeiro: Garamond.

Bento, Berenice. (2008). *O que é transexualidade.* São Paulo: Brasiliense.

Bento, Berenice. (2011). **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** *Estudos Feministas*, 19(2), pp. 549-559. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>.

Cabral, Mauro & Benzur, Gabriel. (2005). **Cuando digo intersex. Un diálogo introductorio a la intersexualidad.** *Cadernos Pagu*, 24, pp. 283-304. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a13.pdf>.

Cabral, Mauro. (2009). *Interdicciones: escrituras de la intersexualidad en castellano.* Córdoba: Anarrés Editorial. Disponível em <http://www.mulabi.org/Interdicciones2.pdf>.

Couto, Edvaldo S. (1999). *Transexualidade: o corpo em mutação.* Salvador: Grupo Gay da Bahia.

Herzer, Anderson. (1983). *A queda para o alto.* Rio de Janeiro: Vozes.

Jesus, Jaqueline G. (2010). **Pessoas transexuais como reconstrutoras de suas identidades: reflexões sobre o desafio do direito ao gênero.** In Galinkin, Ana L. & Santos, Karine B. (orgs.), *Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social: diálogos interdisciplinares*, 80-89. Disponível em [http://generoepsicologiasocial.org/wp-content/uploads/Anais do Simposio Genero e Psicologia Social2010 .pdf](http://generoepsicologiasocial.org/wp-content/uploads/Anais%20do%20Simposio%20Genero%20e%20Psicologia%20Social2010.pdf).

- Jesus, Jaqueline G. (2010). **Transexualidade: breve introdução**. *Correio Braziliense*, caderno Opinião, p. 13, 13 de setembro. Disponível em http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com_content&view=article&id=2191:transexualidade-breve-introducao-&catid=78:business-tech&Itemid=421.
- Jesus, Jaqueline G. (2012). **Visibilidade transgênero no Brasil**. *Correio Braziliense*, caderno Opinião, p. 13, 18 de janeiro. Disponível em <https://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/18/visibilidade-transgenero-no-brasil>.
- Machado, Paula S. (2008). **Intersexualidade e o “Consenso de Chicago”: as vicissitudes da nomenclatura e suas implicações regulatórias**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23(68), pp. 109-124. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n68/v23n68a08.pdf>
- Nery, João W. (2011). *Viagem solitária*. Rio de Janeiro: Leya.
- Pedreira, Marcelo. (2006). *A inevitável história de Letícia Diniz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Pelúcio, Larissa. (2009). *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; Fapesp.
- Ramsey, Gerald. (1998). *Transexuais: perguntas e respostas*. São Paulo: Edições GLS.
- Rito, Lúcia. (1998). *Muito prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Roughgarden, Joan. (2005). *Evolução do gênero e da sexualidade*. Londrina: Planta.
- Silva, Hélio R. S. (2007). *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Wonder, Cláudia. (2008). *Olhares de Cláudia Wonder: crônicas e outras histórias*. São Paulo: Summus Editorial.

A AUTORA



Jaqueline Gomes de Jesus é doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília – UnB, professora do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal e investigadora da Rede de Antropologia Dos e Desde os Corpos. Foi assessora de diversidade e apoio aos cotistas e coordenadora do Centro de Convivência Negra da UnB. Fundou e presidiu a ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual. Pesquisa gestão da diversidade e movimentos sociais, com enfoque em

gênero, orientação sexual e raça/etnia.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0121194567584126>.

Os Revisores

Berenice Bento é doutora em Sociologia pela UnB e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Recebeu em 2011 o Prêmio Nacional de Direitos Humanos da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. Pesquisa corpo e gênero, com enfoque na transexualidade.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9597756345795906>.

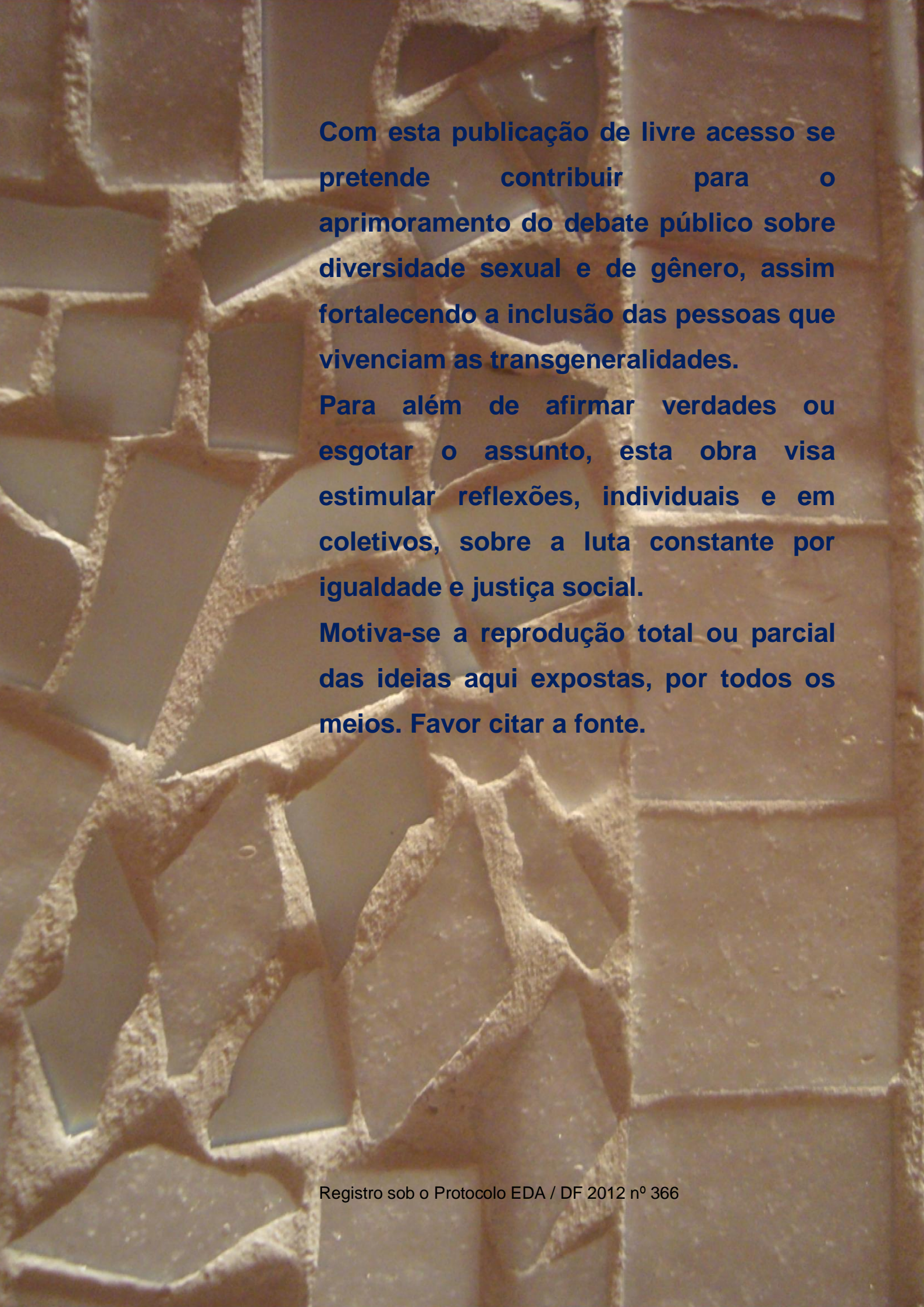
Luiz Mott é doutor em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e professor da Universidade Federal da Bahia – UFBA. É comendador da Ordem do Mérito Cultural (Ministério da Cultura) e da Ordem do Rio Branco (Ministério das Relações Exteriores). Fundou e presidiu o Grupo Gay da Bahia. Pesquisa moralidade e sexualidade no Brasil colonial e na atualidade, com enfoque na homoafetividade.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3331234730616226>.

Paula Sandrine é doutora em Antropologia e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Tem experiência na área de Antropologia do Corpo e da Saúde, Antropologia da Ciência, Psicologia Social e Saúde Coletiva. Pesquisa direitos sexuais e reprodutivos, com enfoque na intersexualidade.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4113327441291226>.

Agradeço profundamente o apoio dos revisores, que disponibilizaram sua vitalidade intelectual, sem quaisquer custos, a fim de aprimorar a qualidade deste guia técnico.



Com esta publicação de livre acesso se pretende contribuir para o aprimoramento do debate público sobre diversidade sexual e de gênero, assim fortalecendo a inclusão das pessoas que vivenciam as transgeneralidades.

Para além de afirmar verdades ou esgotar o assunto, esta obra visa estimular reflexões, individuais e em coletivos, sobre a luta constante por igualdade e justiça social.

Motiva-se a reprodução total ou parcial das ideias aqui expostas, por todos os meios. Favor citar a fonte.